

A IMPRENSA

REVISTA SCIENTIFICA, LITTERARIA E ARTISTICA

DIRECTOR LITTERARIO — *Afonso Vargas*

ASSIGNATURA	Publicação quinzenal	EXPEDIENTE
Lisboa: cada numero, pago no acto da entrega... 3000 réis Provincias e ilhas: trimestre ou 6 numeros... 3000 * Brazil (moeda fraca): semestre ou 12 numeros... 12000 * Numero a avulso... 3000 *	N.º 38	Toda a correspondencia deve ser dirigida á rua da Imprensa Nacional, 81, Lisboa. Assignatura paga adiantada. Artigos recebidos, quer sejam ou não publicados, não se restituem.

VISITAS Á EXPOSIÇÃO

II

Uma das idéas mais difficeis de definir e de comprehender nas suas numerosas e diversissimas formas é a idéa do patriotismo. Ao passo que as mais altas abstracções da philosophia a destroem, que as hypotheses religiosas quasi a condemnam, e que as modernas fórmas de internacionalisação commercial tendem a eliminá-la, por outro lado as duras soluções colhidas de algumas das consequencias mesmas d'esse conjunto de principios, rudemente vem mostrar o homem que n'este meio social condicionado por tantas forças oppostas e por tão complicados phenomenos, nenhuma theoria é absolutamente exacta ou absolutamente falsa, nenhum principio pôde symbolisar em si a essencia d'aquillo que é, ou deve ser; e, applicado isto, concluir-se-ha, portanto, que já hoje se não pôde ser um apaixonado, nem um indifferente em patriotismo, como em tudo o mais.

A maneira que se tem procurado avançar para a verdade, é que se tem visto de quantas illusões ella é feita, e que innumerables e densissimos meandros lhe difficultam e alongam o caminho...

Não nos admirará pois, se, por exemplo, no caso sujeito, alguns espiritos mais largos e conjunctamente alguns outros um tudo nada mais estreitos, que o mesmo é dizer intolerantes, não pensando como nós, acharem ao mesmo tempo demasiado *chauvinista* e demasiado irreverente, o que digamos com respeito á exposiçào, e em que porventura teremos de ferir a ausencia ou o excesso do patriotismo; mas, a proposito de outro assumpto, já aqui escrevemos uma vez que nada nos preoccupa ir de encontro ao dizer e ao pensar d'estes ou d'aquelles, e apenas procurámos obedecer á porção maior ou menor de sinceridade e de consciencia que cada um traz dentro de si.

Dito isto, entremos em materia.

Quanto a nós, a exposiçào é duplamente curiosa e interessante pelo que expõe e pelo que não expõe, ou expõe mal, e até as cousas peccas e ridiculas que por lá enxameiam offerecem margem para observações instructivas.

Não quer isto dizer que nos proponhamos fazel-as aqui, ou que possámos sequer indical-as; nem a

nossa competencia, nem o nosso feito nol-o permitiam; mas havemos de deixar muito desassombradamente consignado n'estas linhas o que pensamos sobre o que podémos ou soubemos ver; e quem não concordar tenha paciencia, que é remedio suave.

Em primeiro logar começaremos por lamentar que o jury — porque cremos que houve jury — que admittiu os productos expostos, se houvesse por vezes esquecido do pensamento que devia presidir á realisacão de um emprehendimento d'essa ordem, o qual consistia em fazer um balanço real e serio ás nossas forças de producção e ao nosso estado industrial, e por isso deixasse que mais de uma das suas galerias fosse invadida por bugiarías sem utilidade e sem significação, verdadeiras obscenidades perante o bom gosto e o bom senso, meras e inanes curiosidades de bazar avariado, que nos envergonham e nos amesquinham, dando aos estrangeiros curiosos e aos nacionaes maldizentes uma triste idéa da nossa educaçào esthetica e dos nossos conhecimentos scientificos.

Citar? Para que, se estão na memoria de todos as minusculas cousas varias com que tantos cerebros — aliás bem intencionados — se occuparam, ainda mal para elles e para nós, desperdicando horas preciosas e prodigios de paciencia e de habilidade, até, que melhor applicação poderiam ter tido?

Não, nós não queremos desgostar esses ingenuos, individuando-os, especializando-os, simplesmente lhes diremos que taes cousas ou não se fazem, ou a fazerem-se, têm destino diverso, e nunca se mandam figurar n'uma exposiçào, cujo objectivo, e cuja determinante, deve ser saber-se o que n'um dado paiz, em um dado momento da civilisação geral, produzem umas dadas industrias.

É claro que muitas d'essas taes cousas poderão tambem ter para muitos a sua belleza relativa e até — quem irá prevel-o? — a sua utilidade possivel; para nos mostrarmos logicos connosco proprios devemos suppor isso, desde que accetámos ser tudo relativo n'este miseravel mundo em que vegetámos, mas não no caso sujeito, e eis porque desejaríamos que os que as apreciam as admirassem antes em familia — ou n'algum museu especial — e não na Avenida...

Felizmente que ao lado d'estas singularidades, denotando uma comprehensão pelo menos extrava-

gante do valor de certas faculdades, ha nas galerias da exposiçãõ milhares de artigos atestando não só um progresso real e sensivel, mas qualidades notaveis de adiantamento e de intelligencia, e entãõ os que quizerem continuar a rir serãõ alem de injustos, o que é mau, ignorantes, o que é peior.

Estãõ n'esse caso todos ou quasi todos os tecidos de fabricaçãõ nacional, melhores muitos d'elles que os de origem estrangeira; estãõ n'esse caso os objectos da nossa industria do ferro, tão perfectos e tão admiraveis alguns, e em geral a maioria dos productos da sapataria, da marcenaria, da ourivesaria, das fabricas de seda, das serralherias, das fabricas de louça e de vidros, das sirguerias, as flores artificiaes, os papeis pintados, a photographia, e inclusive os bellos specimẽs de uma ou outra industria caseira que o fragor medonho da machinaria moderna não conseguiu ainda estontear ou supprimir.

Em presençã atê de muitos d'esses modestos e despretenciosos artefactos mais de uma vez nós lamentãmos a triste desorganisaçãõ industrial e artistica em que este miserando e desgovernado paiz andou chafurdando tanto tempo, e de onde agora começa lentamente a sair, não encontrando palavras bastante nitidas e bastante aguçadas com que deixemos aqui impressa a enorme, a profunda, a inolvidavel sensaçãõ de amargura e de desgosto que nos causa o spectaculo vergonhoso e unico de um povo que vê quasi de todo perdidos para o seu aperfeiçoamento e para a sua civilisaçãõ o melhor de trinta annos de uma paz podre — podre no sentido inteiro da palavra — consumida n'uma verbia-gem muitas vezes soez e deprimente, n'uma politica sem ideal e sem alcançe, feita de remendos ficticios e de soluções de momento, vasia de senso moral e de senso communm até, trinta annos em summa de quasi pura perda, inutilmente consumidos em questunculas ridiculas de individualidades, em intrigas mesquinhas de partidos, em mal soffridas ancias de ambiçãõ e de mando.

E muitos dos principaes culpados d'este vertiginoso cahos ainda por cima vieram consignados até nós com o epitheto de grandes homens, quando, com respeito a alguns, haveria todo o direito de perguntar se elles teriam sabido o que significa ser homem na ampla e complexa açcepçãõ do significadõ, quanto mais o que significa ser grande...

Deixemos, porém, em paz os mortos, mortos de todos os generos, pois que nem todos dormem já o ultimo somno, e como dizem ser pouco christãõ accusar quem já não pôde defender-se, embora se deva perguntar onde começa entãõ o direito da critica e do exame ao que fizeram os que por qualquer modo predominaram no seu meio e no seu tempo, — esqueçamos as cousas tristes, que de mais já nada remediãem, e continuemos na nossa visita para alegrar os olhos e desopprimir a alma...

Por felicidade a exposiçãõ encerra testemunhos bastantes de que a cera de que este paiz foi feito é da primeira, é da melhor qualidade, e só precisa ser trabalhada por mãos que saibam, por mãos que sintam e que comprehendam — com licençã da cabeça e do coraçãõ — como com tanta graça, quanta verdade, diz o espirituoso Ega dos *Maias*...

Continuaremos.

AFONSO VARGAS.

UMA CARTA DE RENAN

II

Fazer grandes obras no sentido marcado pelo espirito da Allemanha, era o dever da Prussia quando a sorte das armas poz os destinos da Allemanha nas suas mãos. E ella podia fazer tudo para o bem, porque a condiçãõ para fazer o bem é ser forte. Que havia a fazer? Que fez ella? Oito annos, mais de metade do que Tacito chama *grande mortalis aevi spatium*, depois que ella gosa na Europa de uma superioridade incontestada! Por que progressos está este periodo assinalado na Allemanha e no mundo?

E alem d'isso, depois da victoria, a nação victoriosa adquiriu o direito a recompensa dos seus heroicos esforços, o bem estar, a riqueza, a satisfaçãõ, a estima reciproca das classes, a alegria de uma patria gloriosa e pacificada. Na politica, tem mais que tudo direito ao primeiro dos bens, isto é, a estas liberdades fundamentaes da palavra, do pensamento, da imprensa, da tribuna, cousas perigosas n'um estado enfraquecido ou vencido, e possiveis sómente n'um estado forte. As grandes questões sociaes que agitam o nosso seculo só um victorioso as pôde resolver, servindo-se do prestigio da gloria para impor concessões, sacrificios, a amnistia a todos os partidos. Dar a paz e a liberdade, tanta paz e tanta liberdade quanta for possivel, a esta Europa continental que ainda não achou o seu equilibrio, fundar definitivamente o governo representativo, tratar francamente os problemas sociaes, elevar as classes humilhadas sem lhes inspirar o ciu-me das superioridades necessarias, diminuir a somma dos soffrimentos, supprimir a miseria immerecida, resolver a delicada questãõ da situaçãõ economica da mulher, mostrar por um grande exemplo a possibilidade de fazer face ao mesmo tempo ás necessidades politicas oppostas que a Inglaterra conciliou, porque o problema para ella tinha uma soluçãõ relativamente facil, eis o que justificaria a victoria, o que a teria affirmado. Porque a victoria só com beneficios se legitima.

D'este programma, que a força das cousas parecia impor-vos, que realisastes? O vosso povo é hoje mais feliz, mais moral, está mais contente com a sua sorte? Evidentemente, não: e a prova é a manifestaçãõ de symptomtas como nunca se viram depois de uma victoria. A gloria é o feno de que se sustenta a besta humana: saturaram o vosso povo de gloria, mas elle escouceia! Napoleãõ I, em 1805, 1806, imporia silencio pela admiraçãõ a toda a voz que se lhe oppozesse: quando muito murmurariam d'elle cem pessoas: a idéa de um attentado contra a sua vida pareceria um absurdo. Como acontece entãõ que no dia seguinte a triumphos como se não vêem ha sessenta annos, o vosso governo esteja em presençã de um profundo e geral descontentamento? Porque o preoccupam sempre medidas que restringem a liberdade? — Em geral, depois da victoria, não ha que reprimir: a repressãõ é caracteristico da fraqueza. O que se passa na Allemanha, tenha esta ou aquella explicaçãõ, é um desaire para os vossos homens d'estado. Se o vosso povo é tão mau como

elles dizem, a si mesmo se condemna. Asperos e duros, comprehendendo o estado como uma cadeia, e não como uma cousa generosa e benevola, julgam conhecer a natureza allemã e não conhecem a natureza humana. Contaram para muito com a virtude germanica. Verão o resultado. Fizeram de vós uma nação organizada para a guerra: mas como aos cavalleiros do seculo xvi, o peso do armamento esmagava-vos. Imaginar que um povo continuando a carregar com semelhante fardo, sem d'elle tirar nenhuma vantagem, adquirirá a destreza, a flexibilidade necessaria á industria e ás artes da páz, é esperar muito. Estes sacrificios militares ou vos levam á necessidade de fazer a guerra indefinidamente — e vós tendes bastante bom senso para não verdes que estas partidas á Napoleão I conduzem ao abysmo — ou vos dão um lugar desvantajoso na lucta pacifica da civilisação. As agitações socialistas, são ao mesmo tempo, como a febre, uma doenca e um symptoma: deve reparar-se n'isto; não basta debellar-as, é preciso procurar-lhes a origem, e só ahi applicar o remedio.

E na ordem politica, na realisação d'este ideal de governo constitucional que nos é tão caro a todos e que a Europa continental ainda não conseguiu ter, que progresso fizestes? Em que tem sido a vossa vida parlamentar mais brilhante, mais livre, mais fecunda que a dos outros povos? Por mim não o sei, e ainda n'isto em logar da liberalidade que é propria dos fortes, vejo os vossos homens d'estado todos preocupados com restricções, repressões e regulamentos coercitivos.

Não, repito, não é por estes meios que seduzireis o mundo. A repressão é uma força negativa. E se enquanto os vossos homens d'estado estão absorvidos n'esta ingrata tarefa, o camponio francez com o seu rude bom senso, com a sua politica sem subtilidades, as suas economias e o seu trabalho, conseguisse fundar uma republica regular e duravel! Seria engraçado! A empreza é muito difficil e perigosa para que se possa contar com um bom exito; mas, muitas vezes, o incrível acontece. Os estouvados soldados do general Custine, os granadeiros heroicos e burlescos que semearam a todos os ventos as idéas da revolução, tiveram um exito a seu modo.

A gloria nacional é uma grande excitação para o espirito nacional. Vós tivestes oitenta annos de um admiravel movimento litterario, durante os quaes floresceram na Allemanha escriptores comparaveis aos maiores das outras nações. Como aconteceu ter esta fonte quasi seccado? Depois da nossa idade litteraria classica do seculo xvii, tivemos no seculo xviii Montesquieu, Voltaire, Rousseau, d'Alembert, Diderot, Turgot, Condorcet. — Onde está a vossa continuação de Goethe, de Schiller, de Heine? Não vos falta de certo o talento; mas no meu entender duas cousas se oppõem á vossa producção litteraria: primeiro, o militarismo exagerado, depois, o vosso estado social. Imaginae Goethe obrigado a andar na recruta, ouvindo os palavrões dos vossos sargentos instructores; julgaes que elle não perderia n'este exercicio a fina flor da elegancia e da liberdade? O homem que obedeceu perdeu para sempre certas delicadezas: intellectualmente, diminuiu. O vosso serviço militar é uma escola de respeito exa-

gerado. Se Molière e Voltaire tivessem andado n'elle, teriam perdido o seu fino sorriso, a sua malicia por vezes irreverente. A recruta é funesta ao genio. Dir-me-heis que tambem nós adoptámos esse regimen. De accordo, mas não é isso de certo o que temos feito de melhor. Em todo o caso ainda está para nascer o dia em que devemos adoecer de exagerado respeito.

O vosso estado social tambem me parece pouco favoravel á grande litteratura. A litteratura suppõe uma sociedade alegre, brilhante, descuidosa, disposta a rir de si mesma, onde a desigualdade pôde ser tão accentuada quanto quizerdes, mas em que as classes se misturam, e em que todos vivem a mesma vida. Dizem-me que tendes feito grandes progressos ha dez annos para esta unidade da vida social: eu, porém, ainda não vi o seu principal fructo, que é uma litteratura commum, exprimindo com talento ou com genio todas as faces do espirito nacional, uma litteratura amada, admirada, aceita, discutida por todos. Não ignoro os nomes muito honrosos que me ides citar; não me parece, porém, que o vosso novo imperio tenha realiado o que havia a esperar de um governo que tem concentradas em si todas as forças do espirito allemão.

Tendo a força, não fizestes a liberdade! A vossa campanha contra o ultramontanismo, legitima por que se limitou a reprimir a intolerancia catholica, não fez avançar um passo a grande questão da separação da igreja e do estado. Os vossos ministros continuaram com o velho systema em que o estado confere privilegios á igreja, tendo ao mesmo tempo exigencias para com ella, não se lembrando elles, porém, de que essas exigencias que têm uma apparencia tyrannica, estão longe de igualar os privilegios concedidos com a outra mão.

Faria sorrir os vossos homens d'estado se lhes dissesse que o vosso imperio n'estes primeiros annos, que são sempre os mais fecundos, não cumpriu os seus deveres para com a humanidade, e que o futuro ha de um dia pedir-lhes conta da solução de muitas questões a que elles voltaram as costas, como a visões de ideologos. O nosso modo de pensar e a nossa historia dão-nos talvez idéas falsas do ideal de uma grande hegemonia nacional e dynastica. Nós pensámos sempre em Augusto, em Luiz XIV: não comprehendemos que se reine no mundo sem grandeza, sem esplendor, sem procurar o amor d'esse mundo e a sua gratidão. Uma nação ou uma dynastia directora apparecem nos como o quer que seja de nobre, de sympathico, como uma força encarregada de patrocinar tudo o que é bello, de favorecer o progresso da civilisação, sob todas as suas formas. Esplendor, generosidade, benevolencia, parecem-nos condições necessarias a estes grandes reinados momentaneos que apparecem nas nações. Luiz XIV não ouvia fallar de um homem de merito que não perguntasse: — Não lhe poderei dar uma pensão? Julgava-se o deus bemfazejo do mundo.

A Europa viveu durante cem annos do seu sol de cobre dourado. Vaidade das vaidades! A humanidade tem muito de frivola; é preciso sabel-o quando se aspira a governal-a.

Para lhe ganhar as boas graças é mister agradecer-

lhe; para agradar-lhe é preciso ser amavel. Ora os vossos homens d'estado prussianos terão todos os dons, excepto este. Em força de vontade, applicação, genio concentrado e audacia não são inferiores a nenhum dos grandes genios politicos do passado. Mas enganaram-se julgando que estes dons os dispensavam de agradar ao mundo, de lhe obter as boas graças por meio de beneficios. Erro! Ninguém se impõe á humanidade senão pelo amor da humanidade, por um sentimento franco, liberal, sympathico, de que os vossos novos mestres riem alto, e que consideram chimera sentimental e pretenciosa.

Não se discutem poses nem modas passageiras, mas é sem duvida permitido dizer-se que uma ostentação de egoismo e de frio calculo não foi nunca o tom dos grandes homens que merecem figurar eternamente no Pantheon da humanidade.

Chamae-me retrogrado, mas eu não considerarei nunca como tendo realizado o antigo ideal allemão estes homens duros, frios, detractores da gloria, affectando um terra-terra vulgar e positivo, e protestando um desdem da posteridade que a final não têm. No trecho do meu discurso de recepção que vos magoou não quiz dizer outra cousa. O espirito da Allemanha é grande e poderoso: continúa a ser um dos órgãos mais essenciaes do espirito humano; mas vos mettestel-o n'um estojo onde elle soffre. Andaes desencaminhados por uma escola secca e fria, que esmaga mais do que desenvolve. Estâmos, porém, certos que vós mesmos encontrareis de novo o bom caminho, e que um dia seremos de novo colaboradores, procurando tudo que pôde dar graça, alegria e felicidade á Vida.

ERNESTO RENAN.

O Universo, para quem podesse abrangel-o n'um unico ponto de vista, não seria, se é permitido dizel-o, mais de que um facto unico e de que uma grande verdade.

D'ALEMBERT.

APONTAMENTOS DAS MINHAS LEITURAS

A lei da evolução na historia

I

Uma das melhores e das mais bellas conquistas da sociologia é sem duvida a applicação da lei da evolução aos phenomenos historicos. É certo que, já o *natura non facit saltus* de Leibnitz, é uma prova de que, pelo menos, como previsão scientifica, essa lei existia formulada por todos os grandes espiritos que se demoraram no estudo attento do mundo physico ou do mundo moral; tal como, porém, a vemos hoje nitidamente expressa e seguramente demonstrada, ella pertence ao campo da sciencia social, e exerce a sua acção especulativa ou abstracta sobre os factores que têm determinado o movimento progressivo da humanidade.

Conclue-se, portanto, que já hoje não pôde avariar-se a importancia de nenhum principio politico ou artistico, religioso ou scientifico, economico, ou social, nem se conseguirá aferir a sua influencia so-

bre a civilisação, se não se tratar de explicar qualquer d'esses principios por essa lei tão simples e ao mesmo tempo tão completa, que é, se assim pôde dizer-se, o thermometro do progresso.

É por isso que para analysar um facto qualquer, o mais insignificante e o mais minimo, nós precisâmos de nos munir d'esse bello instrumento de elucidação e de critica, a fim de conseguirmos apurar a verdade que buscâmos.

Especie de lanterna de mineiro, a lei da evolução explica-nos todas as minudencias d'esta geologia moral, que se chama o estudo da historia, e com ella comprehendemos as mais extraordinarias contradicções ou os menos verosimeis successos. Pegando, por exemplo, n'este facto — as revoluções — á primeira vista, nada tão dissolvente, tão desharmonico e tão injusto; decomposto, analysado friamente por essa lei, nada tão natural, tão logico, e, poderia quasi dizer-se, tão necessario, como com effeito o foram a revolução ingleza, a revolução dos Paizes Baixos, a revolução de 1780.

Como se descobriu esta lei, e como pouco a pouco se foi applicando ao desenvolvimento social do homem, eis o que interessa ver.

E fazendo-o, nós não poderemos deixar de nos tomar de uma admiração profunda e illimitada pela nossa especie, que no meio das dolorosas contradicções em que tantas vezes se lança, é ainda assim alta bastante para nos inspirar um justo desvanecimento, mesmo vindo da animalidade mais baixa e mais rasteira...

Diz a fabula que Anteu ganhava forças novas todas as vezes que tocava os seios uberrimos da Terra, sua mãe, e que se Hercules quiz matal-o, teve que estrangulal-o no ar; a moral que d'aqui se extrahе para a nossa especie é em extremo consoladora e elevada, porque nos ensina a procurar precisamente essa terra mãe d'onde provimos, sempre que precisâmos cobrar alento e resarcir forças n'esta lucta descaravel e incruenta de todos os instantes, que se chama a vida.

E como o homem, é elle proprio Hercules tambem, não haverá perigo de se estrangular a si mesmo...

Reatando, e cingindo-nos ao nosso ponto, vejâmos como essa lei prodigiosa, que tudo define e resolve, veiu lentamente, elaborando-se através das idades, suspeitada por uns, levemente entrevista por outros, mais claramente presentida por alguns, agora applicada a um effeito, logo a uma causa, até se generalisar a todos os ramos da actividade humana.

Investigar, porém, a sua formação é como que percorrer a historia desde a sua genesis, ou melhor talvez fazer a propria historia, esta consciencia escripta da humanidade, como lhe chamou um publicista.

Comecemos, pois, por ahi, e já agora vejâmos, visto que o assumpto se prende, como era considerada e definida a historia.

Vale a pena, talvez, a digressão.

AFFONSO VARGAS.

Todas as virtudes estão em perigo quando a piedade filial é atacada.

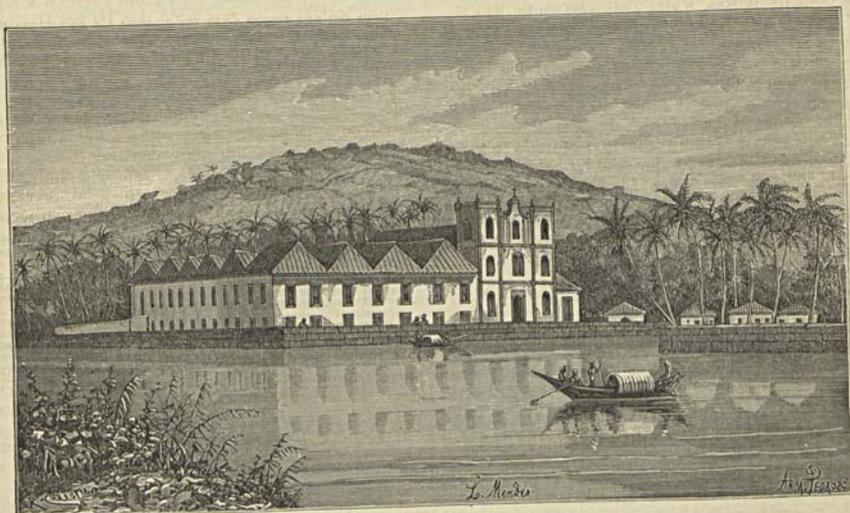
CASA DE CATECHUMENOS

A instituição da casa dos catechumenos, estabelecimento em que outr'ora se recolhiam os filhos dos gentios para serem instruídos e educados na religião christã, data dos primeiros annos das nossas conquistas na Asia, concedendo-se-lhe successivamente, por diferentes alvarás e disposições regias, muitos fóros, privilegios e isenções.

Eram os jesuitas os encarregados de receber e doutrinar os catechumenos, e o seminario de Santa Fé (depois de S. Paulo), fundado em 1540, foi o primeiro deposito ou asylo d'elles; d'ahi, por se verificar a insalubridade do local, passaram, por ordem regia de 9 de abril de 1714, para uma casa proxima, e finalmente para a que a nossa formosa gravura representa, e é situada em Betim ou Batim, na margem direita do Mandovy, em frente do hospital militar, e mui perto de Pangim, ou Nova Goa, capital dos estados da India portugueza.

correligionarios ou abandonados dos parentes por vícios ou culpas, o governador geral conde das Antas, extinguiu-a por portaria de 30 de setembro de 1842, mandando encorporar nos proprios nacionaes todos os bens moveis e de raiz da casa dos catechumenos e capella referida, e despedindo todos os empregados, exceptuado o sacristão a quem ficou commettida a guarda e limpeza da capella de Nossa Senhora da Victoria, onde annualmente se faz uma festividade, para a qual a fazenda publica concorre com um pequeno subsidio.

Segundo uma relação elaborada por fr. Constantino de Santa Rita, no anno de 1827, os bens proprios dos catechumenos eram: um palmar por detraz da casa do Bom Jesus; o palmar de S. Thomé e um quintal da casa velha dos catechumenos junto a S. Paulo; quatro hortas, uma em S. Paulo, e as outras em Santo Aleixo e no Carmo; um palmar sito em Gansin; palmar Moly, em Oxel, e o palmar Betim, o grande, na aldeia Pilene.



Pela extincção dos jesuitas a administração da casa dos catechumenos e seus avultados bens passou para a junta da fazenda, nomeando o governo da provincia um ecclesiastico, secular ou regular, para o cargo de gerente e director espirital, com a designação de *pae dos christãos*. O vencimento official honorarios do pae dos christãos foi, por portaria do ultimo vice-rei D. Manuel de Portugal e Castro, de 3 de setembro de 1832, fixado em 1:140 xerafins.

Junto á casa dos catechumenos ha uma capella, com a denominação de Nossa Senhora da Victoria, que foi instituida e dotada por um francez opulento, que viveu alem dos Gattes.

Pelos rendimentos dos bens da casa e da capella referida eram sustentados e vestidos os que deixavam o gentilismo, e pretendiam entrar no gremio da Igreja catholica.

Reconhecendo-se, porém, por longa e lastimosa experiencia, a inutilidade da instituição, que, a final, quasi só servia de valhacouto de vadios espertos, banidos da communitade dos

Á capella de Nossa Senhora da Victoria pertenciam: o palmar de Pangim, aldeia Taleigão; o palmar Cantorly, em Aldoná, o palmar Dumnem, com seus annexos, sito em Tyvim e Nachinolá; e o palmar Golombo em Marná.

O rendimento de todos esses bens e proprios era calculado pelo padre Santa Rita em 3:220 xaraflins¹.

Em 31 de maio de 1845 determinou-se ao então governador geral, que, de accordo com o arcebispo primaz, fizesse accommodar os neophyts do sexo masculino que podessem ser recebidos no seminario, e os do sexo feminino no recolhimento da Misericordia.

A casa dos catechumenos de Betim ou Batim e capella annexa nada têm de notavel, a não ser a localidade, que é mui pittoresca e aprazivel.

F. PEREIRA E SOBRÁ.

¹ Memoria descriptiva das possessões portuguezas na Asia, por Manuel Felcissimo Louzada de Araujo, 1842-1843.

MISCELLANEA HISTORICO-LITTERARIA

(Continuado dos n.º 36 e 37)

II

Lisboa descrita por Manoel Severim de Faria

Quando, em 1609, foi nomeado por arcebispo de Evora D. Diogo de Sousa, bispo de Miranda, determinou o cabido d'aquella cathedral, «por guardar o costume que sempre a igreja d'Evora tivera com os prelados eleitos, escolher de entre os capitulares quem, em nome de todos, fosse dar os parabens e devida obediencia ao novo prelado». Cafu a nomeação em o chantage, que então era o notavel escriptor Manoel Severim de Faria, dando-se-lhe «pera ajuda de custo do caminho, conforme o costume de aquella See, a dous mil réis cada dia».

N'um dos interessantes volumes, que da sua preciosa livraria passaram para a casa Vimieiro, e recentemente para a bibliotheca nacional de Lisboa, escreveu Severim de Faria o itinerario da sua jornada, ou, como hoje dizemos, as suas impressões de viagem, dando-lhe a forma de *Diario*.

Transcrevemos d'esse trabalho o capitulo relativo a Lisboa. A descripção que vai ler-se é fielmente reproduzida do autographo. Apenas demos unidade á orthographia, em que os antigos escriptores, por via de regra, se não esmeravam, e corrigimos a pontuação. Unicamente n'isto nos afastámos do original, como é pratica de bons mestres.

LX.^a

São as grandezas d'esta cidade taes, q̄ para se escreverê he necessario particular volume, e assi tem dado materia a grandes ingenhos, q̄ della tratááo, sem a comprehenderê toda, senão tomando cada hũ parte dellas por digno sujeito de seu trabalho, como foi Diogo Mendes de Vasconcellos¹, q̄ escreveu hũ livro de suas antiguidades, Damião de Goes², e Luis Mendes de Vasconcellos, do sitio³, e Christovão Rodrigues d'Oliveira⁴, fez hũ summario de suas couzas, alê dos quaes hũ Poeta Italiano⁵ escreveu hũ livro de seus louvores. Pelo q̄, do q̄ estes autores tratááo escusarei de dizer, pois se podem ver, e sómente darei hũa relação do estado presente.

Tem esta cidade legoa e meia de comprimento, e meia de largura; o numero da gente, q̄ em si conterá, hé quasi infinito, porq̄, alê de ser o lugar grande, são as casas mui lumbas e apertadas, e edificadas hũas sobre outras, de maneira q̄ sobre poucas palmas de área de terra vivê seis e sete moradores cõ suas familias. O numero certo se não pôde colther, pôz por algũs conjecturas se pôde considerar; como no anno de 1596, em q̄, em dous dias antes da Pascoa, se matááo no açougue desasete mil carneiros, affóra os q̄ se comprão no Rocio, e outros q̄ os Particulares mandão trazer de suas quintas. Para as fabricas publicas se concedê em cada hũ arratel de carne hũ real, e monta o q̄ se colhe, affóra o q̄ se furta, hũs annos por outros, 40.000 cruzados, q̄ vê a ser 16 milhões de arrates. Gastão-se muitas vezes no Terreiro do trigo, em hũ dia 200 moios de pão, e mais.

Entrando neste Porto toda a gente que foi na armada, q̄ se perdeu no Canal de Frandes, sendo Capitão della o Duq̄ de Medina, q̄ erão 30.000 homens, em todo o tempo q̄ estiverão em Lisboa, se não alterou o preço ao pão, nê a algũ mantimento, e no mesmo permaneceu, depois q̄ se forão. Do mesmo modo, quando a ella veio El-Rey D. Philippe prudente cõ a Côte de Espanha, se não enxergou mais gente, nê menos cõ sua ausencia.

Ha nesta cidade 27 Conventos de Religiosos: — de S. Francisco, sete — dois observantes, hũ de Santo Antonio, tres de

arrabidos e hũ de terceiros; de S. Domingos, dois; de Santo Agostinho, dois observantes e hũ recolecto; do Carmo, dois — hũ observante e outro recolecto; da Companhia, tres; dos Religiosos de S. João Evangelista, dous; de Hospitalitares, um; outro de Bentos, de Bernardos, de Christo, da Trindade e de S. João de Deus; e os Cartuxos e Congeos de S. Vicente de fóra.

Seminarios de criação de moços, o do Concilio, io dos Orfãos e o dos Irlandeses.

Mosteiros de freiras, quinze: — de S. Francisco, seis; Dominicânicas, tres; hũ de Bernardas; outro de Santo Agostinho, de Congeos regrantes; outro de Santa Agostinha, da observancia; outro de commendadoras de Sant'Iago.

Recolhimentos de mulheres e moças, cinco. Hospitaes, sete. Tem trinta e seis freguezias, igrejas collegiadas das outras. (?)

Ha nesta cidade excellentes edificios, e Paços Reaes sete: — os da Ribeira, do Castello, de Santos (o velho), dos Estádos, do Limoeiro, Enxobregas, e o do Rocio, sobre os arcos, dos quaes os mais d'elles em seus dias servirão aos Reis, posto q̄ ao presente estão applicados a varios ministerios.

Rende a ElRey cada anno 301.600.000 réis: — 170.600.000, a Alfandega da cidade; as casas em q̄ se pagão as cisas e imposições, 76.000.000; o Consulado⁶, 55.000.000.

Tem em seu termo duas mil quintas de soberanas e magnificas fabricas, iardins, fontes e pomares. Doze legoas a roda hé cercada de vinhateria e olivedo, em que se colhe infinita quantidade deste licor.

Aqui tivemos a festa do natal, e nos partimos.

(A margem) A 26 de Dezembro parti de Lisboa.

NOTAS

¹ Allude, provavelmente, a *Descripção larga da Cidade de Lisboa, que devia constar o sexto livro das Antiguidades de Portugal*. (Bib. Lus., tom. 1, pag. 677) Esse trabalho ficou inedito, e, segundo cremos, é hoje desconhecido.

² Mendes de Vasconcellos tambem compoz versos em louvor de Lisboa. Encontram-se n'um volume de diversas obras suas, publicado em Roma no anno de 1597.

³ Refere-se talvez á *Urbis Olistipinae descriptio*, que, tendo sido pela primeira vez impressa em Evora, por André de Burgos, em 1554, foi depois reeditada a pag. 53 do vol. *De rebus hispanicis, italicis, arabicis, indiciis et ethnographicis*. Coloniae agriginae; in officina Birckmannica; vitzae; in 8.º; com o retrato de Damião de Goes gravado em cobre por *lo Hogen*, que é talvez o artista mencionado por Augusto Demmin com o nome de Jean Hoehn. (*Encyclopedie des Beaux-Arts plânières*, tom. III, pag. 255.)

⁴ *Do sitio de Lisboa*, se intitula um trabalho de Luiz Mendes de Vasconcellos. (Lisboa; por Luis Estupiñán; 1608; 1 vol. in-8.º)

⁵ A obra de Christovão Rodrigues de Oliveira, hoje pouco vulgar, é um vol. in-4.º, de hũs innumeradas, tendo no frontispicio uma portada em madeira igual á da geralmente chamada segunda edição dos *Lusiadas* (1572), e no espaço, que ella circumscreve, o seguinte:

SUMMARIO E
QUE BREVEMENTE SE
CONTEM ALGUNS
COZYAS (ASSE ICE
CLESISTICALS
COMO SECUN
LABES) QUE
HA NA CI
DADE DE
LISBOA.



Com Preuilegio Real.

De um prologo ou advertencia, que se lê no verso do frontispicio, é que se deprehende ter sido este summario, ou estatistica, ordenado por Christovam Rodrigues de Oliveira, guarda-roupa do arcebispo de Lisboa, D. Fernando I, em cumprimento de ordem que por este lhe fóra dada no anno de 1551. Lê-se em tres linhas na pagina dos *eros da impressam*. — «Foy Impresso o presente Summario, em Lisboa nouamente em casa de Gerónimo galhardo Impremidor del Rey nosso senhor.» E depois: — «Acharra-se em casa de Gil marinho Ligeiro do Infante don Luis, no terreiro do Paço onde sua A. mora.»

Apesar das reiteradas diligencias, que empregámos, não conseguimos saber o nome do poeta a quem Severim de Faria se refere. N'um dos mss. da collecção Pombal (recentemente adquirida pelo governo para a Bibliotheca), ha, porém, uma lista de «autores q̄ de lx.^a escreveram». Vem n'ella citado o poeta italiano; mas quem organião lão interessante bibliographia ignorava, como nos, o nome do poeta, e escreveu: — «Hum poeta Italiano chamado ... compoz em verso hũ livro de lx.^a ao Papa Paulo 3.^o e está no Collegio de Evora.»

O ms. pertencê a Manoel Severim de Faria, que de sua letra o annotou, e os auctores mencionados na referida lista são, em grande parte, aquelles de quem se falla na descripção de Lisboa, que hoje damos a lume.

⁶ Tres por cento nas allandegas. Imposto que Philippe II introduziu em Portugal no anno de 1597, «para com elle fazer todos os annos hũa armada grossa de doze galeões, que podesse guardar a Costa, e trazer seguras as frotas das conquistas das Ilhas até Lisboa». (M. Severim de Faria, *Noticias de Portugal*, pag. 77).

(Continua)

JOSÉ PESSANHA

CARTO-TYPOGRAPHIA

(A associação typographica lisbonense)

A arte é como que um mealheiro enorme, onde todos devem deitar uma parcella dos seus cabedais artisticos, é o cofre obrigatorio cuja collecta chega a todos aquellos que se não deixem seduzir pelas veleidades do vicio, nem adormecer n'uma indifferença vergonhosa. Grande ou pequeno, superior ou inferior, a todos abrange e de todos reclama com um direito incontestavel, a quota parte do seu trabalho, sem regatear intelligencias nem deprimir nullidades. E d'essa cooperacão justa sãe como resultado final o successivo aperfeioamento, a constante expansão de um progresso continuo cuja admiravel carreira deslumbra todos os espiritos e enternece com uma paixão extrema os cultos trabalhadores.

Assim, desde que o venerando Guttenberg, a despeito de todas as privaçoens da sua vida proscripita, fazia surgir de entre as velhas e severas ruinas de um templo mystico, os alicerces de um outro templo mais coherente e mais civilizador, mais humanitario e menos egoista, pois que sem temores confundidos nem alegrias irrisorias, acolhia toda a humanidade, n'um fraternal assomo de desinteresse, abrindo largo trilho aos esplendores da sciencia e da civilisaço, e arrancando com commettimento audaz as ferreas cadeias que manietavam a sociedade universal ao Caucaso sinistro da ignorancia; desde esse tempo em que a espontanea intelligencia de um homem superior, da pequena cidade de Moguncia atirou perdularia, mas generosamente, sobre a multidão ávida de luz, torrentes e torrentes d'esse elemento com a descoberta da imprensa; desde esse tempo até hoje, quantas migalhas se lhe não têm juntado?

Quantas parcelas de trabalho se não têm recolhido, durante seculos, nas successivas descobertas dos processos typographicos, que de todos os pontos do globo se lhe approximam como satellites immensos em torno do seu foco luminoso?

E hoje a typographia attinge tal grau de superioridade, com os resultados obtidos com as suas successivas transformações, desde a invenção do velho prélo de madeira, até ás grandes maravilhas da mechanica, que permite uma nitidez extrema nos trabalhos, abolindo a antiga distribuiço de tinta pela moderna distribuiço cylindrica cujo resultado é muito mais superior.

E como ordem natural de aperfeioamento, todas as naçoens disputam com um egoismo justo, n'uma lucha de verdadeira civilisaço, o logar proeminente, que as torne distinctas e respeitadas pelas suas descobertas artisticas e pelo seu trabalho.

Seduziu-me essa lucha, e como voluntario, impellido por o unico desejo de tambem concorrer com algum ceitil a esse grande mealheiro, alistei-me temerariamente n'essas hostes, vindo depor ante aquellos que melhor do que eu podem desenvolver um processo, que a minha mente estudou, esperando com a maxima disciplina e boa vontade o *veredictum* que d'essa instancia possa partir.

Se elle não tem effectivamente merecimento algum, que me perdoem o passo que ousei, porque a

elle só fui impellido, como já disse, pelo unico desejo de ser util, e não pela estulta pretensão de uma vaidade de que me não poderia ufanar, por quanto, felizmente, conheço a nullidade dos meus conhecimentos artisticos.

O processo da carto-typographia, pôde ser empregado, quanto a mim, com vantagem na impressão de fórmas com vinhetas, onde antigamente a necessidade obrigava a inutilisar, em partes que se não desejavam impressas, mas que por este systema se obtém collocando uma alça de cartão, geral na parte que se deseja impressa, e recortada nos pontos que se desejam em branco; assim foi executado o trabalho em gothico que a Casa *Foid Corazzi* apresenta na *Exposiço industrial portugueza*, com uma poesia *O Progresso*.

Depois do invento de Gillot e dos resultados obtidos pelo emprego da celluloides, que é, aliás, de custo muito superior, creio ser esta innovaçã a que, estudada por artistas instruidos e habéis, pôde garantir de futuro, nos trabalhos a chromo, maior facilidade de execuço e mais importante economia.

N'esta convicço, pois, dou o processo a publico, a fim de que aquellos que mais valem do que eu sejam se tem algum valor real, offerecendo-o como prova de deferencia aos distinctos membros da associacão typographica lisbonense, ante os quaes me confesso summamente agradecido, se se dignarem aceitar a mesquinha offerta d'este membro obscuro da arte.

PREPARAÇÃO DO FUNDO GERAL

N'uma prancha bem plana de madeira, encabeçada para evitar o empeno, colla-se com uma diluço de gomma arabica ou de gomma laca uma folha de cartão de 60 réis, tendo o cuidado de escolher um cartão bem liso e encorpado; depois de secco é passado por um panno embebido em essencia de terebintina, ficando d'esta forma apto para a impressão de todas as côres.

PREPARAÇÃO DOS FUNDOS MISE-EN-TRAINS

Da gravura que se pretende tirar a côres, tiram-se tantas provas em cartão de 40 réis, quantos forem os fundos que essas provas possam fornecer, recortando-se com uma tesoura fina ou um escalpello mui aliado as partes que se desejarem imprimir, collando-se depois estas alças mui bem registadas com o desenho igual, que se obtém em provas de papel encorpado e n'ão passento.

PREPARAÇÃO DE TINTAS

As tintas para este processo, só unicamente devem ser moidas e feitas em verniz entre-forte (typographic), sendo conveniente a sua preparacão na occasião de imprimir.

ESBATIDOS

Os esbatidos obtém-se, pelo rebaixamento produzido do attrito ou *corte*, feito nas alças do *mise-en-train*, que conforme a diminuço da pressão feita pela differença de altura, assim as tintas imprimem com mais ou menos força ou tom.

MEIAS TINTAS

Para as meias tintas basta uma sobre impressão de qualquer outra tinta sobre a cor primitiva, devendo para isso escolher-se mais ou menos fraca, conforme convier.

TONS FORTES

Obtêm-se pelo processo das meias tintas, escolhendo-se para isso as cores mais carregadas, e imprimindo-se tantas tintas sobrepostas, quanto mais escuro e pronunciado se pretende o tom.

EFFEITOS DE LUZ

Obtêm-se, quando precisos, pelo corte do cartão em parte em que se deseje esse resultado.

IMPRESSÃO DA GRAVURA

A impressão da gravura pôde ser feita em geral com uma tinta que se escolha mais uniforme, ou parcial, o que produz melhor acabamento, bastando para isto simplesmente o emprego de alças de cartão em *mise-en-train*, conforme se faz na impressão de fundos.

BRILHOS

O brilho é produzido pela queda de umas tintas sobre outras, o que dá um resultado muito grato á vista do observador.

OBSERVAÇÃO

Para o bom effeito de um chromo por este processo, não deve haver sobre-impresões nas partes claras, a fim de que o fosco exista n'essas tintas, mas pronunciar-se o brilho em todas as partes escuras (sombrias), dando-lhe tanta mais força quanto mais escuro for o desenho da gravura n'esse ponto.

ALFREDO CARRAL.

IDEAL

Eu amo-te no azul do firmamento mudo...
No som, no ar, na côr, em tudo quanto é bello:
Em tudo quanto é luz, quanto refulge... em tudo
Onde Deus imprimiu o seu divino sello.

Em sonhos quando durmo, em ancias quando véio,
Sempre te vejo assim, fulgurante... E, comtudo,
Teu mysterioso alvor, quanto mais eu o estudo,
Mais creio que é do céu: — não posso comprehendê-lo.

Sinto-te palpitar no seio do Infinito...
Respiro o teu aroma... ouço o teu canto ethereo...
Chamo-te, — foges tu, como um sonho bemdito;

Vou em busca de ti, — encontro um cemiterio.
Existes! mas teu nome inda o não vi escripto.
Adoro-te! e não sei o que és, doce mysterio!

NARCISO DE LACERDA.

HISTORIA DE UM MARÇANO

(Continuado)

Effectivamente, dias depois o pae do Thomé chegava a Lisboa, e tendo inquirido onde era a loja do sr. Guimarães, para lá se dirigiu.

Depois, ainda entre a porta e encarando o caixeiro Guilherme, perguntou, com voz alterada:

— Aqui é que está o meu Thomé, pois não, ó senhor?

E quando o caixeiro lhe respondeu que não, não era ali que estava, o homem, rubro e colerico, rouquejou:

— Mas então onde me pára aquelle diabo alma?

— Está em casa do patrão, ali defronte, n.º 14. Pelos modos você é que é o pae, hein?

— Pois então quem haverá de ser? Sou seu pae até para lhe desancar o canastro, áquelle pedaço de gente, que em lugar de me estar aqui com os senhores anda talvez de olhos para o ar a ver *nubes*... Ora eu lhe ensinarei a regra do bom viver... Com que então ali defronte? Pois com sua licença.

E atravessou a rua.

O Guilherme, entre curioso e perplexo, nada havia retorquido ao braguez, e veiu até á porta.

Em frente, na janella do seu quarto, Sophia mirava a rua, esperando alguém. A espaços olhava para o céu, de um azul tão limpo que parecia ver-se-lhe o fundo, e uma ou outra vez, por desfastio, demonstrava-se um minuto a dirigir a vista na direcção do Guilherme...

Não desgostava talvez de sentir ali aquella admiração silenciosa e ardente que subia até ella n'uma onda de incenso estonteador, e que a penetrava toda de um orgulho tepido, de uma alegria tranquilla de satisfeita, por se saber amada até á adoração, até ao extasis...

Quanto a Guilherme, já havia esquecido o Thomé, o pae, a loja, o proprio aspirante, ao contemplar na janella aquella que para elle symbolisava na vida a crystallisação immaculada do seu ideal, a synthese suprema do seu amor, o divino sacrario refulgente de todos os seus sonhos, de todas as suas esperanças...

Porque o Guilherme esperava, esperava sempre nem sabia dizer o quê. Talvez a morte do aspirante, talvez o fim d'aquelles amores, talvez a perda do curso que, impossibilitando o seu rival de saír alfeires, tornasse impossivel o casamento; talvez a propria sorte grande de Hespanha que, permitindo-lhe associar-se no negocio com o sr. Guimarães, lhe facultasse o direito de entrar com elle em negociações — para lhe conceder a mão de Sophia.

E vendo-a ali, illuminada por um raio de sol que lhe dourava levemente os cabellos, e a envolvia como em um nimbo de luz, elle foi corporisando pouco a pouco o seu sonho, dando vida e fórma a mil pensamentos alados que lhe esvoejavam no cerebro, e deixando-se ir nas azas de uma chimera rosea, pelo horizonte infindo do seu malaventurado amor...

(Continúa).

LIVROS NOVOS

Temos para accusar a recepção de livros que aos seus autores agradecemos muito penhorados, e de que nos iremos occupando em numeros subsequentes.

São elles as *Viagens* de Coelho de Carvalho, as *Expições*, continuação da bella serie de estudos que, sob o titulo geral *Os sábios*, o erudito e serio pensador, o sr. visconde de Ouguela, tem ha annos feito imprimir, e onde a par de um estylo aprimorado, tantos e tão largos conceitos sollicitam e prendem a attenção dos estudiosos.

De outros livros, que não recebemos, mas de que tomámos conhecimento, diremos tambem o que pensámos, procurando obedecer assim ao dever que nos impozemos desde o primeiro numero d'esta revista.

Das *Viagens*, de Coelho de Carvalho, poderemos mesmo offerecer um trecho aos nossos leitores, para o que obtivemos d'esse nosso amigo amabilissima auctorisação.

AFFONSO VARGAS.